

Histórias do lobo nas obras de Aquilino

Ana Isabel Queiroz

IELT – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

ai_queiroz@fcsb.unl.pt

No Ano Internacional da Biodiversidade, urge lembrar Aquilino como um dos escritores portugueses que mais se destaca pela inclusão dos animais como personagens das suas obras ou como elementos marcantes dos seus cenários literários. Na sua obra, o lobo tem uma presença comum, original e de grande relevância identitária para *Terras do Demo*. Disso dão conta expressões com que o escritor descreve o seu território literário, tais como «*terra de fragedos, tojal e lobos*»¹, «*A minha serra, pedregal, lobos e vento*»² ou «*A serra era escalvada e agreste, sala de vento e dos lobos*»³.

No território nacional, o lobo encontra-se ameaçado e protegido por legislação. O Livro Vermelho do Vertebrados de Portugal (Queiroz *et al.*, 2005) atribui-lhe o estatuto de “Em Perigo” (de extinção), em virtude da diminuta população existente: menos de 250 indivíduos com idade reprodutora. A Lei nº 90/88, de 13 de Agosto, bem como o Decreto-lei nº139/90 que a regulamenta, estabeleceram o regime de protecção, conservação e fomento da espécie. Também por via da aplicação das Directivas Comunitárias para a Conservação da Natureza (Directivas Aves e Habitats, respectivamente 79/409/CEE e 92/43/CEE) e da Convenção de Berna (Decreto nº 95/81 de 23 de Julho e Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro), o lobo beneficiou de um estatuto de protecção estrita das suas populações e dos seus habitats de ocorrência.

Outrora com uma vasta distribuição em toda a Europa, o lobo foi perseguido sobretudo desde a Renascença, período em que foi considerado a personificação do Diabo (Sax, 2001). Em consequência disso, este animal encontrou a extinção em Inglaterra, na Escócia, na Irlanda e na Alemanha, entre outros países europeus. A rarefacção das suas populações em Portugal, Espanha, França, Itália e Grécia, onde há algumas décadas eram abundantes, justifica que o lobo seja considerado também uma prioridade de conservação à escala comunitária.

No início do século XX, os lobos seriam «*sobejos*» nas serras da Lapa e da Nave, assim como em todas as «*terrinhas altas da Beira*», e com eles conviviam quotidianamente os habitantes das aldeias: «*retumbavam pela noite velha, do fundo*

¹ Maria Salomé in *Caminhos Errados*, p.15

² Renúnciação, in *Caminhos Errados*, p.210

³ *Geografia Sentimental*, p.206

dos currais, o estampatório dos bacarmartes e os gritos destemperados de "à coa"! Os sabujos traziam coleiras de puas ao pescoço, e cacheira e gaita só usavam os pastores bucólicos de Bernardim. O que eles traziam debaixo da capucha era a reiuna»⁴.

A experiência do escritor, transcrita para a sua obra literária, encontra noutros registos documentais perfeita consonância. A história da distribuição do lobo em Portugal nos últimos 100 anos (Petrucci-Fonseca, 1990) e o estudo detalhado da espécie a Sul do Douro (Roque *et al.*, 2005, *c.f.* Figura 1) sugere que, apesar da perseguição directa de que eram alvo, até à década de 1970, a espécie ocorria de forma contínua em toda a Beira Interior e Alto Alentejo, possuindo ainda núcleos populacionais no Baixo Alentejo. Na década seguinte, o lobo desaparece do Baixo Alentejo, do Alto Alentejo e da Beira Baixa. Na década de 1990, uma nova regressão orientada de Sudoeste para Nordeste, confina a espécie, a Sul do Rio Douro, aos distritos de Viseu e Guarda.

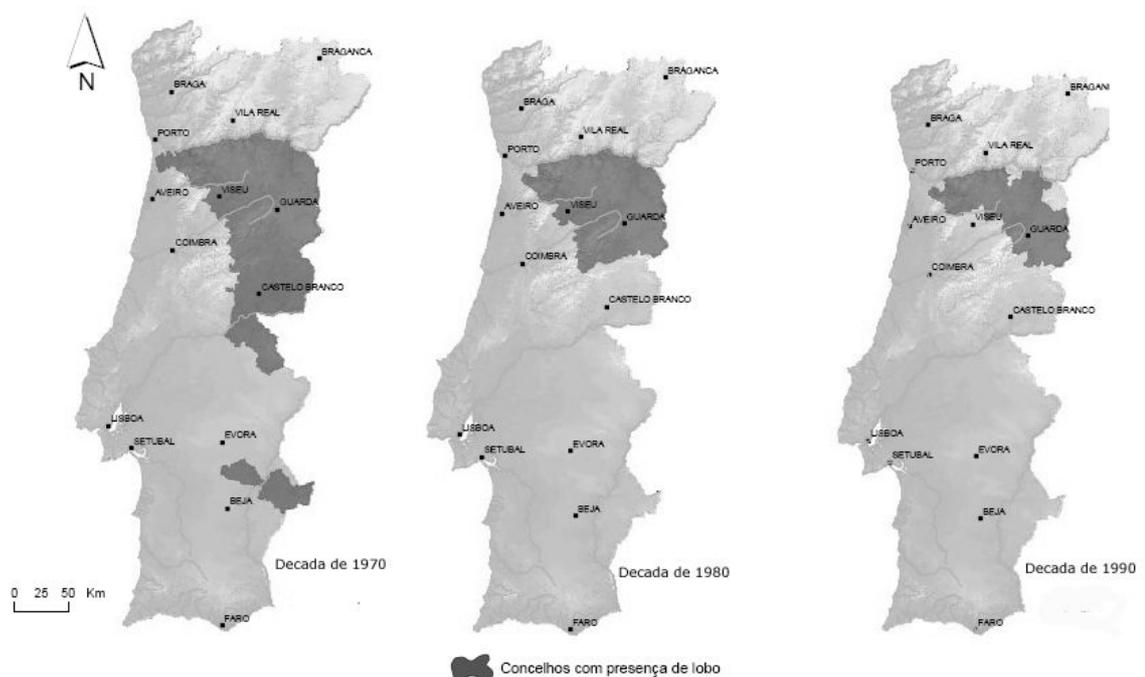


Figura 1 – Distribuição do lobo a Sul do Rio Douro, ao longo das últimas três décadas do século XX (Roque *et al.*, 2005)

Os dados mais recentes (Pimenta *et al.* 2005) apontam para a existência em Portugal de apenas 51 alcateias confirmadas (Figura 2). A população a Norte do Douro encontra-se aparentemente estável mas, a Sul do Rio Douro, o declínio continuado da

⁴ *Aldeia*, p.13

espécie não foi interrompido. Em áreas muito próximas de *Terras do Demo* já não foi possível assinalar uma presença regular do lobo.

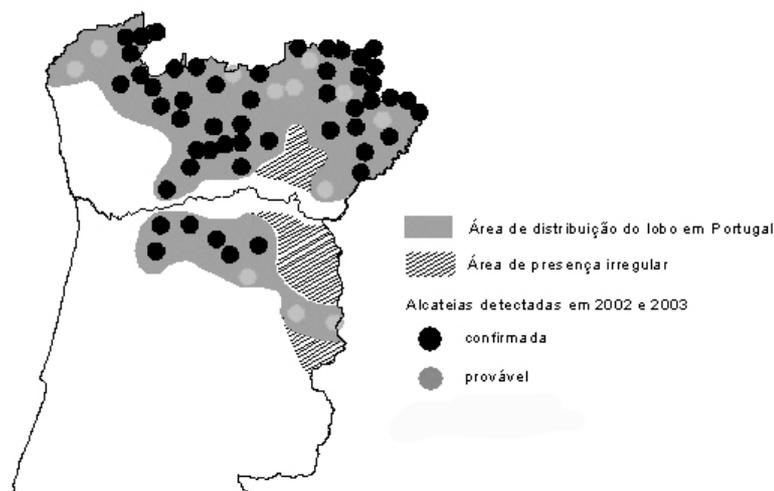


Figura 2 – Resultados do Censo Nacional do Lobo 2002/2003: área de distribuição e localização das alcateias (Pimenta *et al.*, 2005)

Em todas as referências ao lobo, Aquilino Ribeiro mostrou admiração e respeito pela espécie. O lobo é um animal feroz, o bicho mais bravo dos cumes e planaltos, mas também o mais emblemático. Os lobos de Aquilino Ribeiro vivem nas brenhas, no matagal, nos pinhais, ao abrigo dos povoados. Às vezes, aproximam-se das casas porque vêm ao cheiro "*do bodum das cabras, que nos dão o leite*"⁵. São bichos do monte que não vivem sós, e por isso são descritos no seu grupo social, a alcateia: os agregados são sempre de quatro ou cinco animais. Anunciam-se quando uivam, mais frequentemente nas noites geladas ou de nevoeiro. Nas noites brancas, grupos de lobos uivam à Lua: "*nas limpaças*"⁶; "*os uivos das alcateias nas noites esfomeadas de Inverno*"⁷; "*lobos a uivar nos tesos*"⁸; "*Essa mesma noite uma alcateia rondou e uivou em torno da penha com acirrado denodo, como se se preparasse para executar um assédio*"⁹.

Como carnívoros, procuram as suas presas no monte; mas, quando a estiagem se prolonga, "*até os lobos que noutros tempos, nesse passo do ano, se apresentavam com samarra nova, besuntados e luzidios, andam despelados e voltaram a ameaçar os redis do aldeão menos cauto*"¹⁰. Da predação de cabras e ovelhas nasce a principal

⁵ Renúnciação, in *Caminhos Errados*, p.196

⁶ *Terras do Demo*, p.80

⁷ *A Via Sinuosa*, pp.5-6

⁸ Maria Salomé, in *Caminhos Errados*, p.43

⁹ Fereza, in *Caminhos Errados*, p.178

¹⁰ *Aldeia*, pp.177-178

razão do conflito que opõe Homem e lobo.

Reconhecendo os benefícios do seu comportamento predatório e da sua voracidade, Aquilino Ribeiro considerou que desempenhavam um indispensável papel sanitário, repartido com outros necrófagos: "*Abençoado fosse o Criador que esfomeava os corvos, os lobos e as aves de rapina para exercerem à superfície da terra o papel sanitário de coveiros!*"¹¹.

O serrano das aldeias recebe destes bichos metade da sua natureza. Revela o seu lado lupino, de "*bárbaro sem trela*", por não "*moderar os instintos da sua braveza*"¹². Assim os encontram aqueles que vêm de fora tentar mudar o quotidiano duro e pobre de agricultores e pastores: " - [o inspector] *Declarou que tivera a impressão, ao pisar os povos da serra, de entrar em apriscos de lobos. Tudo uivava, os cães, as mulheres, os meninos e os próprios velhos*"¹³. No mesmo sentido, depois de possuir *Brízida* num cardenho, *António Malhadas* descreve a situação ao abade de Britiande: "*Ovelha que tinha de ser do lobo foi do lobo. Quem aqui vai não é nenhuma donzela... não senhor, que eu não sou parvo*"¹⁴. Quando o lobo é gente e macho, a sua fome é de rapariga. *Maria Benigna* desperta o apetite de *Adriano*; mas, porque se recusa a entrar no seu automóvel ou ir ao seu escritório, não chega a "*cair na boca do lobo*". Assim, com "*todos estes impossíveis*", a sua fome vai "*crescendo como a de lobo no fojo*"¹⁵. Em Gandra de Rei, lugar de ficção, os lobos são "*a valer*", são "*umas feras*", como bem se vê por andarem "*à margem do direito e da religião que até comem carneiro roubado ... às sextas-feiras*"¹⁶.

Em todos estes trechos, aparecem associados predadores e presas, lobo e carneiro. Segundo o escritor, também é assim na natureza do serrano. O serrano é metade lobo. Recebe do carneiro a outra metade: "*formato desta vegetação rastiça e humilde, da paciência imensurável que representa uma rês a encher a barriga percorrendo léguas, aqui esponta um broto, ali apanha uma paveia seca*"¹⁷. Por ambivalência óbvia do seu carácter, e proporção importante do jeito vulnerável e submisso, Aquilino Ribeiro afirmou que o serrano teme o lobo, pela sua segurança e pela segurança do seu gado.

Em *O Homem da Nave*¹⁸ elabora extensamente sobre o comportamento dos e sobre todo o tipo de lendas e mitos que a tradição popular fez crescer à sua volta (e.g. o lobisomem). No injusto entendimento da gente, "*o lobo é sempre o responsável pelo*

¹¹ Fereza, in *Caminhos Errados*, p.178

¹² *Quando os Lobos Uivam*, p.45

¹³ *Ib.*, p.185

¹⁴ *O Malhadinhas*, p.62

¹⁵ *Maria Benigna*, p.58

¹⁶ *Maria Salomé*, in *Caminhos Errados*, p.15

¹⁷ *Quando os Lobos Uivam*, p.46

¹⁸ *O Homem da Nave*, pp.85-90

que faz e pelo que não faz” e é por isso que histórias falsas, como a de um lobo que teria comido uma pastorinha, são contadas e noticiadas, obrigando depois a desmentidos. Até o naturalista francês Buffon tinha por ele “*uma antipatia visceral!*” Mas “*a fera, sobretudo, tem a sua ética*”: “*o lobo no meio de um rebanho deita a garra, não à zagala, mas a um cordeiro ou a uma ovelha. É mais fácil, menos arriscado e corresponde à tendência do seu instinto e do seu paladar*”. Para o escritor, “*o lobo é cheio de virtudes domésticas*”: “*alto sentimento de família e das responsabilidades do progenitor*”. Acresce-lhe a “*intransigência*”, mencionada pelo escritor como uma qualidade de carácter. Porque “*é um solitário e de gorra só com os seus*”, “*está reduzido à condição de perfeito eremita*”. Escreve Aquilino, que “*quando Portugal era mata ininterrupta de Norte a Sul, a vida se lhe tornava fácil. Sobejavam bichos, para que o seu palato está feito, a pegar pelos bosquedos*”, sugerindo que parte dos conflitos que se punham na relação do Homem com o Animal, decorrentes sobretudo dos ataques dos rebanhos, foram originados pela destruição do seu habitat natural (e em consequência, das suas presas selvagens).

No mesmo sentido, a identidade do lobo surge no imaginário colectivo como multifacetada e controversa (Morais, 2005). Sendo certo que ele aparece como “*animal nocivo e indomesticável, tendo a natureza de fera voraz*” (p.6), ele é também, de todos os animais, o mais exposto à má sorte e às perseguições. Do “lobo mau” e de um “lobo manso” (de S. Francisco de Assis) se constrói a imagem desta espécie.

Através de 5 narrativas literárias datadas da primeira metade do século XX, com as *Terras do Demo* como cenário, apresenta-se o “lobo aquiliniano”, uma projecção mítica e cultural (na acessão usada por Álvares, 2004), mas sobretudo uma presença física nas vivências e nos ecossistemas locais.

Tocar ferrinhos¹⁹

Numa travessia da serra da Lapa, em que Malhadinhas e o Frei Joaquim das Sete Dores partilham uma tempestade de neve com as suas respectivas montadas, dá-se um encontro com os lobos. Já cai a noite e, na beirinha de um caminho, o Padre vê um animal sentado sobre os quadris: «*tinha o topete coberto de neve, neve que acamava à maneira de solidéu dum bispo, e era sinal de que assentara ali o pouso de caça ou de espreita depois de nos farejar de longe. Luziam-lhe as duas lanternas dos olhos*». Os dois viajantes reagem apavorados, gritando para o afugentar – “*À coa...à coa!*” – mas, num primeiro tempo, o animal nem se mexe. Ainda paralisados de frio e de medo, vêem-no passar em frente das suas cavalgaduras, subir para um oiteiro e

¹⁹ *O Malhadinhas*, pp.138-143

começar a uivar: *«Uivou, iuvou contra o vento, o focinho muito esgalgado erguido para o céu, aqueles uivos que parecem vagidos de criança doentinha a quem estão a bulir no axe. Um iuvo que nem uma sovela a furar».*

Já disposto a encomendar-se a Deus, Frei Joaquim é contrariado pelo almocreve que, naquelas circunstâncias, exige acção. Malhadinhas conhece os hábitos dos lobos e, embora assustado, evoca lendas antigas cujo trágico final não quer experimentar: *«se traz faca ou arma, saque dela, que vem sobre nós uma alcateia que nem os pés nos poupa nos sapatos!»*. Pelas costas, aparecem-lhes quatro lobos, *«muito mansarrões, passo descosido, focinho por terra, como pessoas não-te-rales que vão ao seu destino»*. Soltam-se novos gritos de *«à côa»* e toda a força dos dois assustados é posta na voz: *«o grito e atrás do eco lá iam céu fora a esparvar aves e animaizinhos monteses»*. Mal sucedidos, vêm os lobos acompanhavam-lhes o movimento: *«o luar era mortiço, mas eu bem lhes via o lombo saraivado e pelo jogo das pernas como se iam mandando connosco a compasso»*. O religioso apavorado bate os dentes com medo, *«tão forte batiam que os engenhos que se armam nos milhos contra os gaios não fariam maior estreloçada»*.

Nesta aflição, lembra-se Malhadinhas de um tilintar que ouvira no alforge. *«É o turíbulo da igreja de Arnas, que trago para consertar»*, responde Frei Joaquim. Sem mais demoras, o almocreve põe-se com ele a *«tocar ferrinhos, a bimbalar, a fazer uma matinada que nem cambalheiras arrastadas por um cavalo!»*. O alarido dá resultado e os lobos afastam-se. A história termina com a fuga dos bichos: *«os lobos meteram o rabo entre as pernas, e desarvoraram»*. Conclui o almocreve que *«os lobos se assarapantam facilmente com o ruído dos metais e se se petisca fogo»*.

Matador e valentão²⁰

Nas aldeias de *Terras do Demo*, Pedro Jirigodes era uma personagem pouco simpática, ainda que influente e considerada: *«feitor ou negreiro, misterioso, duro e esquivo como era, punha naquelas terrinhas pobres um vulto considerável»*. O seu passado, construído a *«gerir uma roça»* em África, ter-lhe-ia rendido *«boa mancheia de libras»*. Com imagem de valentão, *«distinguia-se sobretudo como grande batedor de montes e engenhoso inventor de laços»* e *«tocava pandeiro em lobatos e raposos com tanta sanha que se diria movido, menos por ódio de espécie ou recreio, que por vendetta particular. Com o arcabuzeiro, estes bichos, que se pelavam pelo gigot, viam-se constrangidos à mais dura e ascética abstinência»*.

Num dia em que as populações das aldeias se mobilizaram para uma batida ao *Papa-Moças* (um não identificado violador de donzelas da região), Jirigodes e o seu grupo de atiradores encontraram uma alcateia: *«cinco lobos de galhardia, dos quais um pela*

²⁰ *Andam Faunos pelos Bosques*, pp. 40-41, pp. 54-56, pp. 194-195

corpôência, o aprumo altivo da cabeça, a carranca trabalhada, lembrava grande e indômito capitão de ladrões, a fugir à tropa». Era cerca de meio-dia e os animais seguiam o seu caminho com «andadura nervosa». Jirigodes enfrentou então uma súbita e inesperada inquietação fosse porque «o maioral enristou o focinho, fairou, olhando em redor; e pareceu a Jirigodes que a pupila incandescente trespassava a pedra e o divisava» ou porque, descobertos pelos demais atiradores, «tiros e urros de "à côa" agarra que é lobo!" os lançaram tresmalhados na direcção de Jirigodes». Seguiu-se uma grande carga de disparos, tendo Jirigodes visado «a cem passos velho lobo birbatão. Bum! Bum!». Com a sua «pontaria esparvadiça errara o lobo». Também os outros não conseguiram atingir qualquer bicho do grupo: «Quando a fumaceira da pólvora deixou ver, iam todos à desfilada, com indícios de levarem o fole intacto, corridos, que não molestados daquela salva real».

Tempos depois, o caçador desapareceu na serra. Constatou-se que o comeram os lobos, vingando-se do seu «implacável inimigo» e fazendo jus à lenda do viajante a quem os lobos só deixaram os pés nos sapatos²¹. O episódio da morte de Jirigodes tem um contorno intencionalmente difuso. Supõe-se que: «Depois de ter palmilhado muito terreno, vagado para trás e diante, até, provavelmente, se abrigar com as rochas cerca das quais foram encontrados os despojos. Exausto, com a noite em claro, sem comer nem gordo nem magro, é natural que se deixasse tomar do sono e que os lobos, que aí são sobejos, o farejassem e fizessem dele pastel. (...) Agora lá que os lobos o surpreendessem adormecido e o trucidassem, ou que o trucidassem tendo-o encontrado já morto, é segredo, em última causa, que a serra guarda e não diz a ninguém».

De nada podem os lobos ser acusados e ninguém parece lamentar o destino do valente matador. «Paz à sua alma; não era boa rés!», é o que se diz.

António mata-lobos²²

António das Arábias, «sapateiro remendão e caçador de fama», saiu para o monte com o seu cão Pilatas. Andando no rasto de coelhos e batendo uma zona de mato muito denso, não tardou a encontrar-se com uma alcateia de lobos: «Cinco bichos de alto lá com eles! Peitaça tesa, jarrete elástico, carranca de quem anda de mal com o mundo todo, avançavam na sua direcção, e já cobria com a mira aquele que vinha à testa, mais alceiro! Ah, mas ei-los a chegarem-se...a chegarem-se, pós-catrapós... passos cada vez mais largos e furtivos...a entrarem, Santo Deus, no campo de

²¹ Em *O Homem da Nave* (p.89), Aquilino Ribeiro escreve que esta «carece de realidade e imaginação. Podiam os coiros do calçado impedir a dentuça de uma fera de acabar o trabalhinho?»

²² António das Arábias e o seu cão Pilatas in *Quando ao Gavião cai a Pena*, pp. 68-77

tiro...». Desprevenido e assustado, «a prece ia-lhe bichanando nos lábios, com uma repercussão muito atabalhoada na penumbra da consciência e a ritmos acelerado, enquanto os lobos seguiam o seu caminho»; «se trago a escopeta carregada com zagalotes (...) fazia uma açougada; com escumilha, milagre é se deitar um a terra».

Apesar do fraco calibre da arma, António disparou e feriu o animal que lhe entrou no campo de tiro. Em tormento, o lobo adquire um comportamento feroz: «viu a fera dar um pulo prodigioso, enovelar-se, cair de joelhos, depois erguendo-se de rópia, precipitar-se com ligeireza fulminante para ele (...) crescia no seu horizonte, temível, colmilhos a branquejar na goela escancarada». O caçador desferiu ainda um segundo tiro, desta vez mais próximo e «em pleno peito». Já nesse momento reduzida pelo sofrimento, «a fera escabujava, escarvava a terra, e mal conseguia sustentar-se sobre as espáduas». E num estertor final, «cortou quantas urzes e sargaços pôde deitar o dente, cheio de furor a princípio, depois como por tineta, o corpo possuído de sobressaltos cada vez mais espacejados e frenéticos (...) num estremeção violento dobrou a cabeça para a terra e não se moveu mais».

António levou-o depois de terra em terra para angariar recompensas: «aqui lhe davam uma tigela de feijões, ali um celamim de centeio, acolá um gigo de batatas, nesta casa, naquela e naqueloutra meio braço de cebolas, o seu naco de toucinho, a sua mancheia de castanhas piladas. O senhor prior contemplou-o com cinco tostões e o tio brasileiro com um velho chapéu panamá!» Já o lobo cheirava mal, e ainda o caçador se aproveitava, enchendo a pelo com palha e mostrando-o de porta em porta: «era ascoroso, mais ascoroso que o corpo de um rei embalsamado». Contrastando com o magnífico animal que no início se descrevia, a narrativa termina com uma reflexão que deixa, neste confronto de atitudes de força, espaço para louvar a existência de todos os seres vivos, respeitando o seu papel nos ecossistemas. No final, escreve-se: «era a vera-esfígie do inimigo que salteava os currais descuidosos, atassalhava os mastins, teimava a viver, imolando o seu carneirinho, maquiando o milho em espiga, rebuscando a glande por baixo dos carvalhos, no desfrute, ilusório em suma, dum direito à vida igual ao do homem, e viam-no deliciados. Se porém o Criador lhe havia dado tal licença e o gozo de concomitantes cavalarias, o homem feito à divina imagem e semelhança é que não estava pelos ajustes».

O lobo Estudante²³

Houve tempo em que se organizavam batidas aos lobos e algumas crias deixadas órfãs, esfaimadas e perdidas, deambulavam depois pelas serras daquela região. Aconteceu que, depois de uma «grande batida que houve nos chavascals de Montemuro», numa quinta da Serra dos Milagres apareceu «um lobinho de tenros

²³ Quando os Lobos Uivam, pp. 155-163

dias». Porque este «andava cheio de fome», Teotónio Louvadeus (o proprietário) começou a alimentá-lo, primeiro com «uma tigelada de leite», e tendo-o perto, logrou prendê-lo. O homem cortou-lhe também a ponta do rabo, «sempre pendente e comprido, apanhava os argalhos do chão» e "pôs-lhe o nome de Estudante, não saberia dizer porquê, talvez porque entrava para a escola do bicho-homem».

O animal foi crescendo «sempre amigo de Teotónio». Certo dia, não resistiu «aos apelos surdos que lhe vinham de longe das fêmeas aluadas», soltou-se e rumou ao encontro dos seus congéneres. O homem compreendeu. No Inverno seguinte, o Estudante voltou. Voltava sempre que tinha fome e Teotónio recebia o amigo lobo com o que tinha «à mão semear: coelhos, se os havia agarrado nos ferros; à falta de coelho, uma malga de leite; se acabara o leite, até um troço de broa». Porque Teotónio Louvadeus não aceitava que pudesse este animal magnífico estar condenado à fome ou a actos de furtivismo. Assim clamava a Deus: «para que deixas estes bichos morrer de fome? E, para que a matem, porque hão-de ser maus e ferozes? Porque é que na tua infinita sabedoria os obrigas a actos de bandoleirismo, contra a ovelha sem defesa e o inocente cordeirinho, a menos que estiquem à mingua! É verdade que muito do que fazes nos é incompreensível, senão seria para dizer que és um tirano absurdo e desmiolado!»

Estudante acasalou e formou a sua própria alcateia. E foram esses bichos, chefiados pelo reconhecível «lobo do rabo saracoto», que «romperam a pilhar gados nos currais (...) Os pastores queixavam-se de duas feras corpulentas que assaltavam os rebanhos no pino do dia (...) na imaginação do serrano, entravam pelos povos, iam-se aos estábulos, desacravelhavam as portas, e toca para as costas com o reixelo mais gordo que lhes enchesse o olho». Esse efeito prejudicial teria ligação com proximidade estabelecido pelo Teotónio com os lobos, e que teria colocado em clara superioridade: «Como haviam de livrar-se de bichos assim, que conheciam as manhas da gente e sabiam torcer-lhe as voltas e cadilhos?».

Estudante é morto pelo povo congregado. Primeiro, é Manuel da Obrigá que tenta eliminá-lo a tiro: «deparou-se-lhe um grande lobo que lhe dardejava, agachado por detrás dos sargaços, olhos sonsos a fuzilar na cabeçorra meio dobrada para o chão. Sem perda de tempo, meteu a espingarda à cara e puxou o gatilho. Chapéu, o tiro moita, e, como o lobo lhe desse impressão de retesar-se nos jarretes para investir, ficou assustado e sem pinga de sangue. Se a fera dava um pulo?». Mas tal não aconteceu. Depois, «vieram todos, armados de gadanhas e sacholas, com seus cachorros» e começaram a acometê-lo à pedrada. O animal estava cercado e não tinha por onde escapar. Aleijado por uma e outra pedrada e atingido por um golpe de gadanha, «a fera desabou como um roble».

A história não acaba aqui, pois a Teotónio Louvadeus não escapou a perda do amigo: «pareceu (...) que o último olhar do lobo era para ele, antes de se vidrar com o frio da morte». Preparavam-se os matadores para o transportar de terra em terra, e fazer o cadáver «render muito ovo, cebolinhas e batatas», quando Teotónio o põe em grande pira de mato seco e queima-o: «- Deixa estar que não te hás-de rir de mim nem fazer pouco do lobo».

Inácia²⁴

Inácia era uma égua de estimação. Amadeu conhecia a «velha horsa» desde sempre, desde que seus «olhos tinham encontrado à argola da casa quando se abriram à luz». Agora, o rapaz era interno no Colégio da Lapa e nas idas e vindas da sua aldeia, atravessava a serra nesta montada, acompanhado do moço de recados da casa, seu grande amigo, o Manuel Lóio. Foi o Lóio que lhe contou da desgraça da Inácia: «A égua comeram-na os lobos! Não acredita...?!». E seguiu dando pormenores do ataque que esta sofreu, numa noite, quando acidentalmente foi deixada no monte, presa pelas patas e sem maneira de fugir.

Certo dia de Novembro, a mãe de Amadeu disse ao Manuel Loio: «Levas a Inácia às Povoinhas e deitas-lhe as peias». A égua encheria a barriga de erva e recolheria ao fim do dia para, no aconchego do estábulo, ficar protegida das intempéries e dos lobos. Mas aconteceu que, cumprida a ordem, o Lóio foi chamado para uma outra tarefa, que lhe demorou muito tempo: «julgo que o mandavam a pé, julgaram que ia a cavalo, o caso é que baixou a noite e a égua ficou esquecida no pasto». O Lóio chegou por volta das 22 horas, a tempo de ouvir «o aranzel» lá para os lados onde a Inácia tinha ficado, e avançar na sua direcção: «fazia um escuro tão denso de cortar à faca, tão denso que logo acima da Portela tiveram de se dobrar para o chão e apalpar o caminho (...) homens e rafeiros atiraram-se para a frente com grande lambaça (...) a égua estava já nas vascas da agonia, a gorgolejar sangue pelas cordoveias e com um grande rasgão na vazia por onde lhe saíam as tripas». Entretanto, os lobos já tinham desaparecido. No local ficou um espojadoiro, «na erva, sinal da luta que a Inácia travou com os meliantes, naturalmente enquanto não perdeu o fôlego».

Na noite seguinte, os homens voltaram ao local, na mira de alvejar os lobos a tiro, mas estes «não se chegaram a jeito da pontaria (...). Então, a população forjou uma terrível forma de vingança: o senhor Heitor Boticário veio com a peçonha e espalhou-a a esmo pela serra (...) Patearam não sei quantos cães (...) mas dois demonhões grandes como burricos, não comeram mais badana. Apareceram mortos, dias andados, nos carqueijais da Nave».

²⁴ Uma Luz ao Longe, pp.86-89

Considerações Finais

Apresentadas algumas das oportunidades deixadas por Aquilino para conhecer um pouco mais acerca dos lobos e dos seus encontros com as populações de *Terras do Demo*, pode questionar-se a razão porque se recontam estas histórias, celebrando assim o Ano Internacional da Biodiversidade. O que nos trazem os episódios de Malhadinhas, de Jirigodes, de António das Arábias, de Teotónio Louvadeus e da égua Inácia, que possa ser entendido como um contributo para a preservação do lobo?

Muitos têm afirmado que a gestão das populações de lobo adquiriu uma importante componente sócio-cultural, que suplanta a biológica, requerendo o estudo da dimensão humana para a definição de qualquer estratégia de conservação (Bath & Majić, 2001). É neste sentido que se investigam as atitudes públicas e os conhecimentos face às espécies partilhados pelos habitantes das áreas de ocorrência de lobo e dos grupos que as visitam.

No tempo de Aquilino, a fome aproximava os lobos das povoações, para que, numa desatenção dos humanos, pudessem pilhar uma cabra, uma ovelha ou qualquer outro animal indefeso. Mas nunca nas histórias se testemunha qualquer atitude agressiva ou ataque a seres humanos (pelo menos, enquanto vivos). Embora realista e fiel aos costumes locais, expondo práticas hoje consideradas inadequadas e sobre as quais recai um estatuto de ilegalidade – e.g. abate, envenenamento, mostra de cadáver para obtenção de recompensa –, o escritor é sempre claro na valorização da natureza para o seu próprio bem (posição ecocentrista). O mito do “lobo mau” e a lenda da fera que devora o corpo do humano, deixando apenas os pés nos sapatos, são desmontados com a sabedoria e a sensatez própria de um pensador da Natureza e de um ambientalista *avant la lettre*. A exibição do cadáver do lobo e as recompensas recebidas pela morte são descritas como um ritual grotesco, e a explicação das consequências do uso de veneno testemunha bem o seu impacto negativo sobre o Ambiente.

Ontem como hoje, a diminuição na disponibilidade de presas selvagens, a dependência do gado como fonte de alimento, a perda do habitat, os mitos e a falta de conhecimentos sobre a espécie permanecem como factores que afectam a sobrevivência do lobo em Portugal.

A paisagem de *Terras do Demo* está diferente daquela que Aquilino Ribeiro descreveu. As suas narrativas descrevem um período em que a agricultura e a pastorícia eram os principais, senão únicos, agentes modeladores dos padrões espaciais e dos processos ecológicos da paisagem. Assim terá sido até ao final da década de 1950, momento em que a arborização maciça com pinheiros bravos, imposta pela política florestal da época, transformou grande parte das encostas e cumeadas destas serras de lobos.

Mais tarde, grande parte das suas áreas de pinhal foram destruídas pelo fogo. Matas e matos continuam a arder todos os anos, sempre que sobrevêm temperaturas elevadas, num ininterrupto ciclo do fogo. Os rebanhos de ovinos e caprinos que pastam nas serras da Lapa e da Nave são raros e de muito pequena dimensão. Embora com populações muito mais diminutas, o lobo permanece. Redobra a importância nacional desta área para a conservação da espécie, porque nela se abrigam ainda algumas das poucas alcateias que persistem em Portugal a Sul do Rio Douro.

Um estudo sobre as atitudes públicas para com o lobo (Roque *et al.* 2005) abrangeu diferentes grupos de interesses relacionados com o uso do território: os criadores de gado, os caçadores, os conservacionistas e os investigadores. A problemática dos cães-vadios, o abate ilegal, a falta de habitat, a falta de sensibilização e a necessidade de mais dados biológicos foram unanimemente considerados como tópicos-chave para a sua gestão. Os intervenientes nos inquéritos realizados sugeriram a necessidade de envolver activamente outros parceiros na conservação, acrescentando as autarquias, as associações e os privados, incluindo os agricultores, os madeireiros, os representantes religiosos, as escolas e os bombeiros, entre outros, aos organismos governamentais com a tutela do Ambiente e da Agricultura.

Um estudo similar realizado no Sul de França, mostrou diferenças significativas acerca do que pensavam os diferentes grupos de interesses confrontados com a recuperação das populações de lobo, a partir de animais emigrados do território italiano, depois de um século de desaparecimento (Bath, 2000). Alguns, consideraram o facto como um benefício para o eco-turismo e valorizaram as oportunidades criadas para atrair visitantes interessados em ouvir uivar, observar uma pegada na lama ou qualquer outro tipo de vestígio da sua presença. Outros consideraram que os lobos recolocavam problemas de segurança, para as pessoas e para o gado. Para muitos, os mitos e os preconceitos mantinham-se vivos, facto que criou, às entidades responsáveis pela gestão do território e dos seus valores, o enorme desafio de manter o público envolvido e informado acerca da evolução das populações deste predador.

Numa época em que aumentam as preocupações ambientais globais, pode um território como *Terras do Demo* alienar uma parte do seu Património Natural? A espécie sobrevive como elemento natural e como elemento cultural da região, e assim será enquanto o lobo se mantiver no imaginário individual e colectivo. Recontar as histórias permite estimular o diálogo acerca das atitudes e acções a desenvolver para manter ou recuperar o seu estado de conservação favorável. Lembrar estes textos de Aquilino significa também valorizar o lobo como elemento da identidade da região. Através delas, fica o Presente carregado de memórias, valores e significados, sem os quais nem os lobos, nem nós próprios, poderemos sobreviver.

Mais do que uma obrigação, que o dever ético e a legislação exigem, conservar a espécie nas *Terras do Demo* é uma missão de todos: o território é de lobos. Por legado natural e cultural. Valorizar este património, que já Aquilino reconhecia, cabe sobretudo aos gestores locais, seja qual for o seu papel no desenvolvimento.

Bibliografia

- ÁLVARES, F. (2004). O lobo no imaginário popular. *In*: Nunes, M. (coordenação). *Serra da Aboboreira – a Terra, o Homem e os Lobos*, 135-144. Câmara Municipal de Amarante, Amarante.
- BATH, A.J. (2000). *Human Dimensions in Wolf Management in Savoie and Des Alpes Maritimes, France: Results targeted toward designing a more effective communication campaign and building better public awareness materials*. LIFE - Nature Project Du Loup Dans Les Alpes Françaises e LCIE - Large Carnivore Initiative for Europe
- BATH, A.J. & MAJIC, A. (2001). *Human Dimensions in Wolf Management in Croatia: Understanding Attitudes and Beliefs of Residents in Gorski Kotar, Lika and Dalmatia toward Wolves and Wolf Management*. LCIE - Large Carnivore Initiative for Europe.
- MORAIS, A.P. (2005). *B.I. do lobo*. Apenas Livros, Lisboa.
- PETRUCCI-FONSECA, F. (1990). *O Lobo (Canis lupus signatus Cabrera, 1907) em Portugal. Problemática da sua conservação*. Dissertação de Doutoramento em Biologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- PIMENTA, V.; Barroso, I.; Álvares, F.; Correia, J.; Ferrão da Costa, G.; Moreira, L.; Nascimento, J.; Petrucci-Fonseca, F.; Roque, S. & Santos, E. (2005). *Situação populacional do Lobo em Portugal: resultados do Censo Nacional 2002/2003*. Relatório Técnico. ICN/Grupo Lobo. Lisboa, 158 pp + anexos.
- QUEIROZ A.I. (Coord.), Alves, P.C., Barroso, I., Beja, P., Fernandes, M., Freitas, L., Mathias, M.L., Mira, A., Palmeirim, J.M., Prieto, R., Rainho, A., Rodrigues, L., Santos-Reis, M. & Sequeira, M. (2005). Fichas de caracterização – Mamíferos. *In*: CABRAL, M.J., Almeida, J., Almeida, P.R., Dellinger, T., Ferrand de Almeida, N., Oliveira, M.E., Palmeirim, J.M., Queiroz, A.I., Rogado, L., & Santos-Reis, M. (Eds.) *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*, 429 – 532. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.
- ROQUE, S., Espírito Santo, C., Grilo, C., Rio-Maior, H. & Petrucci-Fonseca, F. (2005). *A população lupina a Sul do Douro em Portugal: análise temporal, atitudes*

públicas e aperfeiçoamento dos corredores ecológicos. Relatório final. Centro de Biologia Ambiental, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

SAX, B. (2001). *The Mythical Zoo. An Encyclopedia of Animals in World Myth, Legend & Literature*. ABC-Clio, Santa Barbara.

Obras de Aquilino Ribeiro – edições citadas

A Via Sinuosa 1985. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora e Círculo dos Leitores, Lisboa.

Aldeia – Terra, gente e bichos 1964. Obras Completas de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora, Lisboa.

Andam Faunos pelos Bosques 1985. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora e Círculo dos Leitores, Lisboa.

Caminhos Errados 1985. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora, Lisboa.

Geografia Sentimental 1985. Obras Completas de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora, Lisboa

Maria Benigna 1985. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora, Lisboa.

O Homem da Nave 1968. Obras Completas de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora, Lisboa

O Malhadinhas 1958. Obras Completas de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora, Lisboa.

Quando ao Gavião Cai a Pena 1985. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora, Lisboa.

Quando os Lobos Uivam 1985. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora e Círculo dos Leitores, Lisboa.

Terras do Demo 1985. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora e Círculo dos Leitores, Lisboa

Uma Luz ao Longe 1985. Edição comemorativa do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro. Bertrand Editora e Círculo dos Leitores, Lisboa.